

Concepções sobre diferenciados desempenhos escolares: as percepções de uma professora, familiares e alunos

Luciana Ponce Bellido Giraldi¹
Silvia Regina Ricco Lucato Sigolo²

Resumo

No presente artigo, almejou-se discutir e identificar se as concepções de uma professora, seis alunos e seus respectivos familiares sobre os desempenhos escolares destes eram aproximadas. Para isso, foi organizada uma pesquisa empírica em um segundo ano do Ensino Fundamental, em uma escola municipal do Estado de São Paulo localizada em um bairro periférico, em que foram realizadas entrevistas com a professora e alunos (em dois momentos de um ano letivo) e com os familiares (em um momento do ano letivo). Para entrevistar os alunos, alguns recursos lúdicos foram utilizados. Foi possível concluir que existiu concordâncias entre os sujeitos quanto aos casos de alto desempenho escolar, já entre os alunos indicados como desempenhos mediano e baixo fez-se presente variações entre as concepções de professores, familiares e alunos. Logo, os grupos de alunos indicados como desempenhos médio e baixo não se colocaram necessariamente na posição indicada pela escola.

Palavras-Chave: Desempenhos escolares; concepções; Ensino Fundamental I.

1 Doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP). É professora UNESP. luluponce@gmail.com

2 Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) sigolo@fc.unesp.br

Concepts about different performances school: Perceptions of a teacher, family and students

Abstract

This article aims to discuss and identify the conceptions of a teacher, six students and their families about the school performance of it was approximate. For this, it was organized an empirical survey of a second year of primary education in a municipal school of the State of São Paulo located in a suburb, where interviews were conducted with the teacher and students (in two moments of a school year) and family (at a time of the school year). To interview the students some recreational resources were used. It was concluded that there was concordance between the subjects as to cases of loud school performance, already among the students indicated as median and low performance became present variations between the conceptions of teachers, family and students. Therefore, students groups indicated as medium and low performance is not necessarily placed in the position indicated by the school.

Keywords: School performance; conceptions; elementary school.

1 Introdução

Historicamente, concepções e expectativas de professores sobre desempenhos escolares de alunos foram consideradas como fontes de influências aos resultados concretos apresentados por eles em contextos escolares.

Dentre as investigações que fundamentaram esse conceito, tem-se a pesquisa de Rosenthal e Jacobson (1968), a qual ficou conhecida como “efeito pigmaleão” ou “profecia auto-realizadora”. Nesse estudo, foi entendido que os desempenhos de alunos seriam fabricados pela leitura do professor, visto que, quando este acreditava que algum estudante poderia obter os melhores resultados, haveria influências concretas no processo de escolarização deste. No entanto, fundamentados em estudos posteriores, Coll e Miras (1996) concluíram que se faz presente uma relação mais complexa do que pensavam envolvendo as concepções e

expectativas de professores sobre os alunos.

Somado a isto, recentemente, investigações como de Streib (2011) e Calarco (2011) têm analisado a participação de alunos como ativos no processo de escolarização, rompendo com uma perspectiva que costumava entender adultos, como professores e familiares, como os únicos criadores de oportunidades aos estudantes.

Nessa conjuntura, este artigo foi organizado a partir de um estudo de caso, com entrevistas, e se preocupou em discutir e identificar se as concepções de uma professora, seis alunos e seus respectivos familiares sobre os desempenhos escolares destes eram aproximadas.

Questionou-se: haveria variações entre as percepções de professores, familiares e alunos sobre os desempenhos escolares destes? As concepções da professora (como responsável pelo processo avaliativo) predominaria sobre as percepções dos familiares e alunos?

Os desempenhos escolares³ costumam ser associados a processos avaliativos ocorridos no dia a dia de salas de aulas e também frente a propostas em âmbitos macrossociais, nesse caso, baseadas em avaliações externas.

Quando localizamos o assunto a partir das salas de aulas, em microcontextos, indicações como a de Dubet (2008) e Lahire (1997) sinalizam para a existência de variações no processo de compreensão de resultados escolares que impactariam nas perspectivas construídas sobre os desempenhos de estudantes, as quais estariam associadas à configuração do grupo sobre o qual ajuíza e decorreriam tanto de crenças e julgamentos, quanto da ciência para fixar uma norma padrão.

Quando se atenta às concepções sobre desempenhos de alunos, é preciso considerar a amplitude do tema e ponderar que as pessoas, percebendo tal complexidade, costumam organizar categorias para compreender tantas distinções. “[...] Assim, esperamos dos inteligentes que resolvam problemas com facilidade, e dos ‘lentos’, esperamos ‘lentidão’.” (GIMENO SACRISTÁN, 2001, p. 74).

3 O presente estudo foi resultado de uma dissertação que contou com inúmeras revisões bibliográficas sobre o tema. Em uma delas, houve atenção especial ao termos desempenho, rendimento ou sucesso e fracasso escolar. Após a análise de textos disponibilizados em bases de dados como *B-on*, *Sociologia*, *Problemas e Práticas*; *Análise Social* não foi possível identificar distinções conceituais entre os termos desempenho e rendimento. Já sucesso e fracasso explicitariam situações específicas. Por isso, eles foram utilizados como “sinônimos”.

Algo bastante parecido ocorreu com o pensamento científico que almejava categorizar os fatos numa ordem racional que explicasse conjunções infinitas com o intuito de entendê-las, havendo um padrão de normalização para aquilo que é aceitável, aquilo que vai além do aceitável, sendo visto de forma positiva, e aquilo que está abaixo do normal, considerado de maneira negativa.

Com fundamento em autores atentos ao processo de avaliação nas escolas, Hoffmann (2011) e Luckesi (2011) afirmam que há ciência sobre o imperativo de mudanças na postura de classificação de desempenhos escolares entre estudantes, reconhecendo a arbitrariedade disto e (re)afirmando a noção de processo avaliativo ao entender os indivíduos em seus momentos e necessidades, o que romperia com a concepção de comportamentos esperados por adultos e localizaria as crianças em situações concretas de existência.

Reconhecendo um caráter arbitrário, Lahire (1997) afirma que os “julgamentos” dos professores, diante de estudantes, registravam comportamentos reais, porém, sobressaíam nitidamente uma seleção de fatos e gestos pertinentes ou não, construindo perfis que associavam comportamentos morais e resultados escolares.

Portanto, torna-se necessário refletir sobre ideias comuns que perpassam os ambientes escolares e, muitas vezes, mesmo que indiretamente, reafirmam classificações, como as noções de alto, médio e baixo desempenhos, sem questioná-las ou sequer pensar sobre elas.

2 Método

As discussões apresentadas aqui partiram de uma dissertação desenvolvida em um programa de Pós-Graduação em Educação. Trata-se de uma investigação organizada sob uma perspectiva qualitativa, com dados empíricos construídos em uma escola municipal de Ensino Fundamental I, localizada em um bairro periférico de uma cidade do interior do Estado de São Paulo.

Chegou-se a tal escola após a indicação da secretária municipal de Educação do município, diante da apresentação e aceitação de um projeto de pesquisa. Neste, havia o intuito de estudar concepções e expectativas de professores, familiares e alunos sobre os desempenhos escolares destes

no Ensino Fundamental I.

Nesse momento, optou-se por enfatizar estudos de casos construídos nos primeiros anos da escolarização, mais especificamente, o segundo ano do Ensino Fundamental I, momento escolhido para ser investigado por dois motivos: 1) o primeiro ano escolar, no município pesquisado, ficava em uma escola de Educação Infantil, o que não remetia, sobretudo aos familiares, a um rompimento com a Educação Infantil. 2) esperava-se ter informações sobre notas atribuídas aos estudantes, o que ocorria apenas no segundo ano escolar.

Diante disso, após autorização da secretária de Educação do município, com a indicação da escola a ser estudada, a pesquisadora foi até a unidade de ensino e conversou com a equipe gestora, a qual sugeriu que fosse feito um convite aos quatro professores que ministravam aulas aos segundos anos naquela instituição, o que foi feito durante reunião de Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC). Apenas uma destas professora aceitou o convite.

Essa docente tinha 27 anos de idade, seis anos de experiência e era responsável por uma turma no período da manhã naquela escola. Possuía magistério, graduação em Pedagogia e pós-graduação *lato sensu* concluída.

Na opinião dela, o segundo ano em que atuava era uma turma com um desempenho adequado, que se destacava entre as outras turmas da escola, pois, embora houvesse estudantes que vivenciavam dificuldades para aprender, ela compreendeu que se tratava de um grupo interessado, que queria participar da aula.

A partir dessa professora, foram selecionados os alunos e respectivos familiares que compuseram a investigação. A pesquisadora pediu que a docente indicasse seis alunos, entendidos por ela como casos de alto, médio e baixo desempenhos escolares. Dois estudantes representantes de cada grupo, sendo uma menina e um menino⁴.

Os alunos nomeados como “alto desempenho” contavam com famílias ampliadas. As mães das crianças haviam chegado ao Ensino Médio, uma estudou até o 1º colegial e a outra o concluiu por meio do ensino supletivo.

As famílias dos alunos alvitrados com “desempenhos medianos”

4 Conforme a professora, não havia na sala meninas com baixo desempenho escolar, apenas meninos, por isso ela indicou dois garotos nesse caso.

pareciam ter experiências bastante diferenciadas. O garoto advinha de uma família nuclear e era filho único. Os pais trabalhavam em escritórios de empresas da cidade e residiam numa casa própria, além disso a mãe cursou até o Ensino Fundamental e o pai concluiu o Ensino Médio. Já a menina fazia parte de uma família ampliada, constituída pela avó e pelo avô⁵, que eram responsáveis por três netos. A avó havia cursado a primeira série, o avô era analfabeto. Ela era aposentada e fazia alguns serviços extras, como cozinheira, ele trabalhava numa fábrica e residiam em casa própria.

E, por fim, as famílias dos alunos apontados como casos de “baixo desempenho” moravam em casas próprias, localizadas próximas à escola. As mães de ambas as crianças praticamente não sabiam ler ou escrever, uma havia frequentado a escola até a 2º série e a outra até a 1º série. Os responsáveis por uma das famílias trabalhavam na zona rural e numa fábrica da cidade, isso era a realidade da família reconstituída, composta por três pessoas. A outra era nuclear, havia seis membros, sendo quatro filhos, o pai trabalhava como pedreiro e sustentava a casa, pois a mãe, que era faxineira, estava desempregada.

De tal modo, parece haver uma associação entre escolaridade dos familiares e referência aos desempenhos dos alunos, pois os casos de alto desempenho tinham familiares que chegaram ao Ensino Médio, os aludidos como baixo desempenho representavam baixa escolaridade. Dentre os desempenhos medianos, fez-se presente um caso em que o pai cursou o Ensino Médio e outro em que o avô não sabia ler e escrever, e a avó detinha noções básicas do código escrito.

Todos os alunos/familiares escolhidos pela docente foram convidados a fazer parte do estudo. Para isso, foi organizada uma reunião na unidade de ensino entre a pesquisadora e os familiares e explicado que se tratava de uma pesquisa sobre desempenhos escolares. Nesse momento, foi descrito como seria a participação deles no estudo (autorizar a realização de duas entrevistas com as crianças durante o período de aula, naquele ano letivo e conforme autorização do professor. Além disso, o familiar iria conceder uma entrevista, quando e onde melhor lhe conviesse⁶). Também

5 A mãe desta garota havia sido presa por tráfico de drogas.

6 Todos os familiares optaram por ser entrevistados na unidade de ensino, em dia e horário agendado por eles.

foi destacado que eles poderiam deixar de participar da investigação a qualquer momento. Assinala-se que todos os procedimentos éticos foram seguidos.

Os dados apresentados nesse momento foram obtidos por meio de entrevistas parcialmente estruturadas com professores, seis familiares e seis alunos, as quais aconteceram na escola, com os familiares, apenas no início do ano, já com os professores e alunos ocorreram em dois momentos: no início e final do ano letivo.

Todas as entrevistas foram registradas em gravador digital *Voice Recorder VN-3100PC* e transcritas de forma integral, posteriormente, com o auxílio do *software* gratuito *Express Scribe*.

Entrevista parcialmente estruturada foi definida por Laville e Dionne (1999) como aquela que possui questões abertas, preparadas antecipadamente, com total liberdade para mudar a ordem de alguma pergunta ou a retirá-la, assim como acrescentar itens.

Vale ressaltar que as entrevistas com os “alunos”, no primeiro momento, compreenderam a utilização de materiais para formulação de rostos, imagens-ideias para facilitar a conversa com as crianças, para que pudessem falar e ao mesmo tempo brincar com a formulação de imagens representativas.

As peças usadas foram compostas pela pesquisadora empregando E.V.A. (*Etil Vinil Acetato*), lã, moldes e tesoura; e incluiu também as peças de um jogo chamado “Brincando com caretas” *Toyster*. Esse jogo foi escolhido unicamente por suas peças/imagens relacionadas a rostos expressando sentimentos diversos.

Figura 1 – Ilustração da caixa do jogo



Fonte: Dados da pesquisa.

Figura 2 – Materiais utilizados



Fonte: Dados da pesquisa.

As entrevistas realizadas no início do ano com as crianças estavam divididas em quatro partes: “o eu”, “meu amigo”, “a escola”, “a família”. Essas partes foram relacionadas à organização de rostos, os quais foram fotografados por uma câmera digital. Segue um exemplo ilustrativo dos rostos produzidos por um aluno.

Figura 3 - Eu



Fonte: Dados da pesquisa.

Figura 4 - Amigo



Fonte: Dados da pesquisa.

Figura 3 - Escola



Fonte: Dados da pesquisa.

Figura 4 - Família



Fonte: Dados da pesquisa.

No final do ano letivo, uma nova entrevista foi realizada com as crianças para cotejar concepções sobre o próprio desempenho escolar e expectativas para o próximo ano, mas nesse momento, houve uma conversa rápida, sem uso de materiais de suporte.

As entrevistas foram analisadas seguindo roteiros propostos para os sujeitos⁷. Depois de inúmeras leituras dos materiais transcritos, foram destacados os itens principais postos em cada momento e, em geral, na seguinte ordem: “caracterização dos sujeitos”, item no qual foi identificado um pouco da história de cada um, pessoal e profissional, e alguns fatos marcantes vivenciados. Na sequência, algumas “concepções” dos participantes do estudo sobre a escola foram desveladas, infância e ser aluno, contexto social, a participação da família na escola e os papéis sociais dos sujeitos da pesquisa; para em seguida focar o principal objeto de estudo que seriam as “concepções e expectativas sobre os diferenciados desempenhos escolares”. Categoria destacada neste artigo.

De tal modo, os dados foram organizados para expor as concepções gerais de professores, familiares e alunos sobre como entenderiam os desempenhos escolares. Na sequência, as concepções foram pensadas com base em cada grupo de desempenho: alto, médio e baixo.

3 Resultados

3.1 Concepções sobre desempenhos escolares de professores, familiares e alunos

Os resultados aqui organizados foram pensados dentro do âmbito das ideias, do ideal, do almejado, do esperado e do concebido sobre os diferenciados quadros de desempenho escolar⁸. “[...] Os discursos e as ideias criam não só as realidades que de alguma forma nos determinam como também as ideias que nos permitem ver as realidades de uma determinada forma e, nesse sentido, é possível dizer que essas ideias são um elemento do mundo existente.” (GIMENO SACRISTÁN, 2001, p. 18).

Lahire (1997), ao analisar o discurso de professores franceses, notou que quando eles falavam em categorias sociológicas, com modelos gerais, o discurso interpretativo era diferenciado comparado ao discurso

7 Para maiores informações consultar trabalho completo, o qual será indicado após o processo de avaliação do artigo.

8 Reitera-se que, nesse momento, informações sobre notas ou avaliações escolares não foram enfatizadas, centrando-se nas concepções sobre o assunto.

diretivo a um aluno específico de seu convívio. E justificou isso pelo fato de nem sempre encontrarem os modelos postos como ideias em suas realidades. O cotidiano escolar os levavam a tratar os alunos, caso a caso, pois nunca seriam totalmente iguais ao analisarem o contexto social, o comportamento, o desempenho, entre outros.

Frente a isso, o termo desempenho escolar foi desvendado pela professora que participou deste estudo como um conceito amplo, processual atrelado a diferenças, marcado pela participação do aluno em sala de aula e pela busca do conhecimento pelo indivíduo. A docente ressaltou ainda que para entender o desempenho escolar era preciso ir além dos muros escolares, já que ele seria reflexo de ações dos contextos sociais e familiares.

Desempenho escolar eu entendo assim, quando algumas crianças têm mais facilidade e outras menos facilidade, mas todas tem um desempenho escolar, nenhuma fica parada, nenhuma termina o ano do mesmo jeito que começou. Então, todos têm um desempenho, uns são mais acelerados, tem mais facilidades e, outros precisam de um pouquinho mais de ajuda pra caminhar. (Fala da professora).

Sendo assim, de forma geral, o depoimento da professora, como identificado por Charlot (2005), apontou para a permanência da noção de que os estudantes seriam naturalmente diferentes e, por isso, alguns se destacariam ou não durante o processo de escolarização, centralizando nos indivíduos (familiares e alunos) os resultados apresentados.

A professora costumou fazer referências à necessidade de buscar conhecimentos como uma ação dos estudantes. Então, embora ela reconhecesse múltiplos aspectos envolvidos nos desempenhos escolares, quando questionada diretamente sobre isso, as referências principais de análise estiveram centradas nos indivíduos.

Os familiares dos alunos argumentaram sobre os desempenhos de seus filhos ou neta, a partir de comparações feitas com outras crianças que conheciam. Referenciaram comentários de professoras, a percepção que construíam em casa ao almejam realizar atividades destinadas à escola, como a facilidade ou o interesse da criança no cumprimento das tarefas. Também citaram comentários gerais, advindos da sociedade (amigos, parentes, vizinhos), sobre a demonstração da inteligência da criança, como também sobre o comportamento dela.

De forma geral, os alunos justificaram suas falas sobre o desempenho

escolar ao relacionar os conhecimentos obtidos, àquilo que eles sabiam ou não fazer referente à escola, como saber responder às perguntas feitas pela professora, assim como eles também ponderaram o comportamento/disciplina, despendido nessa instituição e em casa, em alguns casos, citaram os colegas de sala para justificarem a própria conduta.

Foi possível localizar recorrências entre professores, familiares e alunos ao reconhecerem ou não o interesse despendido por estes na realização de tarefas/atividades escolares. Assinala-se que comparações entre os alunos na turma ou frente a crianças do convívio (familiares) demarcaram a fala dos envolvidos.

Frente a essas indicações gerais sobre as concepções que perpassaram o conceito de desempenho escolar entre uma professora, familiares e alunos, este texto prosseguiu analisando como os grupos de desempenhos – alto, médio e baixo – seriam pensados pela professora e ponderados diante das leituras feitas por familiares e alunos sobre os próprios resultados de escolarização (casos concretos).

3.2 Alto desempenho escolar

A professora que participou deste estudo elencou que alunos com alto desempenho costumavam aprender rapidamente, buscavam conhecimentos; contavam com o apoio familiar nos estudos; participavam das aulas; possuíam pré-requisitos para o ano em que estavam matriculados; sabiam responder perguntas; liam, escreviam e faziam as atividades propostas acertadamente.

Além disso, a responsável pelo segundo ano narrou que tais estudantes aprendiam por gostar de tal atividade, eram destaques em todas as áreas do currículo, reconhecidos pela professora como esforçados, estudiosos e demonstravam interesses pelos conteúdos. Também mantinham bons relacionamentos e, em geral, apresentavam comportamentos disciplinados.

Nesse sentido, foi possível perceber que, embora tivessem sido destacadas algumas características gerais, os casos acompanhados trouxeram singularidades às análises.

Em comum entre as concepções da professora, dos familiares e dos alunos foi possível perceber que todos entendiam que os estudantes em questão realizavam as atividades propostas e se saíam bem nelas, ao não apresentarem dificuldades para aprender.

Quadro 1 – Concepções sobre os desempenhos escolares de professores, familiares e alunos

Percepções sobre o desempenho	Professores	Familiar	Aluno
Aluno	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Muito participativo oralmente; ▪ Parecia compreender os conceitos estudados; ▪ Fazia as atividades corretamente e com rapidez; ▪ Era preocupado com ortografia, embora ainda cometesse erros; ▪ Destaque na turma. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Apoio familiar nos estudos; ▪ Ausência de dificuldades de aprendizagem; ▪ Frequente as aulas; ▪ Elogiado pela inteligência; ▪ Sabia ler; ▪ Fazia relação entre assuntos que ouvia falar; ▪ Prestava atenção; ▪ Envolvia-se em brigas fora da sala de aula; ▪ Planos de escolarização longo ao filho. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Ajudava todo mundo que precisava; ▪ Era “bom”; ▪ Terminava as atividades corretamente; ▪ Gostava de frequentar a escola e preferia fazer desenhos ou ficar na quadra do que na sala de aula; ▪ Era inteligente, esforçado e bonito; ▪ Associou a escola ao trabalho futuro.
Desempenho	Alto	Alto	Alto
Aluna	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Contato inicial da professora com a mãe fez a primeira concluir que a aluna tinha apoio materno para estudar; ▪ Aluna destaque; ▪ Lia perfeitamente; ▪ Participava das aulas; ▪ Interesse e facilidades para aprender; ▪ Fazia as tarefas de casa; ▪ Trazia o material escolar; ▪ Organizava o pensamento por meio de diálogos; ▪ Perspectivas de um longa escolarização. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Ativa; ▪ Com respostas rápidas e criativas; ▪ Conversava muito na escola; ▪ Inteligente, mas pouco esforçada, porque dizia ter preguiça; ▪ Reclamava muito; ▪ Aprendia os conteúdos estudados; ▪ Sabia ler e escrever com letra cursiva – comparação com outros estudantes que não sabiam; ▪ Exigia bons resultados escolares; ▪ Acreditava que ela iria cursar uma graduação. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Inteligente; ▪ Gostava de frequentar a escola por ter muitas atividades para fazer ali; ▪ Realizava as atividades de forma correta; ▪ Esperava seguir o exemplo de um primo e cursar um graduação.
Desempenho	Alto	Alto	Médio e, no final do ano, alto

Fonte: Dados da pesquisa.

Notou-se que, apesar de a professora, de os familiares e de os alunos chegarem às mesmas conclusões que se tratavam de estudantes com alto desempenho escolar, os argumentos utilizados para justificar tal posicionamento foram variados, conforme as perspectivas (sala de aula, casa), porém não foram distintos, por exemplo, a professora notou que o menino era comunicativo e participava oralmente, e a mãe dele relatou que ele fazia relações entre assuntos que ouvia falar.

Como variações é necessário apontar que as mães dos alunos elencaram alguns aspectos negativos envolvidos nos comportamentos dos estudantes, como envolvimento em brigas ou conversas na escola. E tanto as mães, quanto as crianças referenciaram planos de futuro profissional, como um aspecto a ser considerado para pensar nos resultados apresentados pelos alunos.

3.3 Desempenho mediano

A professora elencou três características centrais aos desempenhos medianos: 1) necessidade de obter auxílio (existência de algumas dificuldades para aprender conteúdos); 2) considerar a história de vida dos alunos; e 3) desempenho escolar atrelado ao ambiente social.

Com esse grupo de alunos, havia tentativas de explicar as razões pelas quais tais estudantes não obtiveram os mesmos resultados que os considerados alunos com alto desempenho. Nessa conjuntura, a docente mencionou que notava, menos intensamente, a participação familiar dos alunos, insegurança diante dos conteúdos escolares, pouca participação deles nas aulas. Embora neste grupo, ela ainda mantivesse a percepção sobre a “busca” de conhecimentos por parte dos estudantes (o interesse por aprender).

O grupo com desempenho mediano despertava na professora expectativas de continuidade nos estudos, porém elas eram menos prósperas do que comparadas ao alto desempenho escolar, sobretudo diante de realidades sociais desfavorecidas, as quais foram consideradas nesses casos.

Independente dos contextos ampliados, os familiares e alunos fizeram

planos sobre a continuidade nos estudos destes, como fonte para um futuro melhor.

A concepção de desempenho escolar dos familiares do menino e da menina, indicados como casos de desempenho medianos, esteve relacionada ao comportamento em sala de aula, a realização das tarefas de forma correta, as notas atribuídas no boletim e a organização do material escolar. Com base nesses aspectos, os familiares compreenderam os desempenhos de suas crianças como altos. Os alunos também se reconheceram como altos desempenhos, pois afirmaram realizar todas as atividades, terem comportamentos adequados e responderem perguntas feitas.

De tal modo, os familiares e alunos entenderam que se tratavam de estudantes com alto desempenho escolar, não reconhecendo assim a nomeação docente que os percebia como desempenhos medianos.

Somado a isso, torna-se necessário considerar que os estudantes desse grupo obtiveram notas máximas no processo de avaliação, o que também pode ter influenciado a opinião de familiares e alunos ao se reconhecerem como tendo alto desempenho escolar.

Vale ressaltar que até mesmo a professora afirmou, no final do ano, que a menina indicada estava se destacando em sala de aula, podendo ser compreendida como um caso de alto desempenho escolar.

Pode-se perceber que a história da garota pareceu ter exercido influência na mudança de concepção docente, visto que ela acabou por conhecê-la e se sensibilizou com o caso dela, visto que a garota vivenciava situações adversas no contexto familiar e, mesmo assim, realizava as tarefas de casa, estudava, frequentava a escola, era disciplinada, mantinha o material escolar em ordem etc.

Reconhece-se que as conclusões a que familiares e alunos chegaram sobre o desempenho escolar dos estudantes foram idênticas: casos de alto desempenho, discordando da indicação da professora como desempenho mediano, a qual também mudou de opinião em um caso ao final do mesmo ano.

9 Esta menina morava com os avós, irmão e prima, porque os pais estavam presos por envolvimento com drogas.

Quadro 2 – Concepções sobre os desempenhos escolares de professores, familiares e alunos

Percepções sobre o desempenho	Professores	Familiar	Aluno
Aluna II Segundo ano	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Quieta; ▪ Com baixa autoestima; ▪ Não demonstrava toda a capacidade dela; ▪ Esforçada, inteligente e obediente; ▪ A professora conhecia parte da história da aluna e a citou como um exemplo de superação. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Orgulho do desenvolvimento da neta na escola; ▪ Esforçada; ▪ Caprichosa; ▪ Responsável; ▪ Inteligente; ▪ Expectativas sobre a escola e sobre os “caminhos” seguidos pela neta. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Esforçada; ▪ Inteligente; ▪ Realizava as atividades escolares; ▪ Era elogiada; ▪ Estudava em casa; ▪ Gostava de estudar; ▪ Almejava ser médica.
Desempenho	Médio/Alto	Alto	Alto
Aluno IV Segundo ano	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Oscilações nas participações; ▪ Lia bem, mas escrevia com erros ortográficos; ▪ Quietos; ▪ Detinha informações distintas. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Gostava de estudar e participar das atividades escolares; ▪ Elogiado pelas professoras; ▪ Interessado pelos estudos; ▪ Queria ser arqueólogo, cursar uma graduação; ▪ Desenhava muito bem. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Gostava de ir para a escola, porque tinha amigos; ▪ Inteligente, bonito e esforçado; ▪ Sabia o que era para fazer nas aulas; ▪ Queria cursar uma graduação, ser arqueólogo ou veterinário; ▪ Ficava um pouco atrasado para escrever.
Desempenho	Médio	Alto	Alto

Fonte: Dados da pesquisa.

Nessa conjuntura, a professora relatou que os alunos demonstraram necessidade de auxílio para a realização das atividades propostas, e também se fez presente um fator de compensação, comparando as informações recebidas no contexto de cada um e as ações despendidas

pelos estudantes no ambiente escolar. Familiares e alunos compreenderam que estes apresentavam alto desempenhos escolares.

3.4 O baixo desempenho escolar

A principal preocupação da professora frente aos alunos com baixo desempenho estava pautada em dificuldades para efetivar a aprendizagem da leitura, escrita e dos números.

Para tentar justificar ou entender os motivos pelos quais tais alunos ainda não haviam dominado a leitura e a escrita, principalmente, a docente voltou-se para alguns pré-requisitos que os alunos deveriam apresentar, o descompromisso demonstrado com a escola e variações na participação da família.

Interessante destacar que, no caso desse grupo de desempenho, a reflexão sobre a prática pedagógica se fez presente. A percepção era de que o trabalho do professor acabava por ficar limitado, e os alunos com baixo desempenho eram os maiores desafios enfrentados pela escola.

Sobre isso, distingue-se que a professora e familiares apontaram a importância de um atendimento individualizado aos alunos, estabelecido nas aulas de reforço escolar, acreditando que, por meio de tais aulas, os estudantes que vivenciavam dificuldades para aprender poderiam progredir. Destaca-se que os alunos também comentaram sobre essas aulas, afirmando que gostavam de fazer parte de tal prática.

Os familiares dos estudantes reconheceram algumas dificuldades para aprender enfrentadas por “suas” crianças na escola. Pontuaram também as notas apresentadas nos boletins, que em geral oscilaram entre quatro e cinco. Entretanto, a mãe de um aluno narrou que o filho mantinha um alto desempenho pelo fato de a professora não ter anunciado problemas no comportamento/disciplina dele na escola.

Os alunos disseram que reconheciam as próprias dificuldades vivenciadas com os conteúdos escolares, distinguindo que precisavam prestar atenção nas aulas e que não gostavam de estudar. Apesar disso,

um aluno expôs que se autorreferia como um caso de desempenho mediano, e o outro se identificou como um baixo desempenho, devido ao comportamento/disciplina apresentado.

Sendo assim, os resultados obtidos na escola e as análises das professoras não pareciam abalar a autoestima, sobretudo, de um dos estudantes, dados que corroboram os resultados encontrados por Senos (1997), ao afirmar que tais sujeitos criam estratégias de proteção, em alguns casos, não aderindo aos baixos resultados escolares.

Certamente, não há um consenso quanto ao posicionamento assumido por alunos entendidos como baixos desempenhos escolares ou casos de fracasso escolar¹⁰. Sobre isso, é preciso lembrar que os alunos vivenciavam o início da escolarização no Ensino Fundamental I, talvez, com o decorrer do tempo a percepção deles pudesse ser alterada, se dificuldades persistissem.

Destaca-se o fato de que a responsável pelo estudante, que manteve uma perspectiva mais positiva sobre o próprio desempenho, o entendia como um aluno com alto desempenho escolar, embora soubesse que ele vivenciava dificuldades para dominar a leitura e escrita, atribuiu ao comportamento/disciplina o fundamento de sua compreensão sobre o desempenho escolar do filho.

A mãe do outro aluno que se autodenominou como baixo desempenho escolar reconheceu que o filho não mantinha muito interesse pela escola, assim como já havia sido contatada, desde a Educação Infantil, sobre problemas vivenciados por ele na instituição, variando apenas a “classificação” entre médio e baixo desempenho.

10 Esta temática poderia ser melhor investigada.

Quadro 3 – Concepções sobre os desempenhos escolares de professores, familiares e alunos

Percepções sobre o desempenho	Professores	Familiar	Aluno
Aluno I	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Brincadeiras; ▪ Desatento; ▪ Deixar de realizar algumas atividades; ▪ Não esforçado; ▪ Não alfabetizado, mas reconhecia o valor sonoro das letras. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Não prestar atenção as aulas e as atividades escolares (indicação recebida da escola desde a Educação Infantil, assim como foi solicitado desde então a busca por atendimento psicológico.) ▪ Medo de errar; ▪ Falta de empenho. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Mau comportamento; ▪ Gosto pelas brincadeiras e não pelos estudos; ▪ Não realização de todas as tarefas; ▪ Desinteresse pelos temas estudados na escola; ▪ Ausência de relação entre escola e a vida; ▪ Mentiu dizendo que sabia ler.
Desempenho	Baixo	Médio	Baixo
Aluno II	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Mimado; ▪ Gosto pelo brincar; ▪ Histórico de faltas; ▪ A família não atribuía responsabilidades; ▪ Dificuldade para memorizar a grafia das letras e dos números; ▪ Tinha valor sonoro na escrita; ▪ Não sabia cor; ▪ Precisava de um acompanhamento especial. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Manhoso; ▪ Gosta de brincar e faltar as aulas; ▪ Costumava brincar que era um professor; ▪ Não recebeu reclamações sobre o comportamento do filho; ▪ Dificuldades para identificar as letras; ▪ Escolarização longínqua. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Pouco esforçado; ▪ Nem sempre ouvia o que a professora dizia; ▪ Era obediente, bonito, inteligente e feliz; ▪ Brincava nas aulas; ▪ Fazia as tarefas de casa quando sabia; ▪ Queria deixar de frequentar a escola.
Desempenho	Baixo	Alto	Médio

Fonte: Dados da pesquisa.

Comparar o início do ano letivo com o final leva a notar que a professora ajuizou pequenos progressos nos desempenhos dos alunos. Alguns passaram a ser vistos como mais interessados e esforçados, apesar das dificuldades com os conteúdos de aprendizagem escolar, o que não

se configurou como uma mudança, caracterizando, basicamente, uma alteração pouco significativa que poderia apontar para uma modificação que estava por vir.

Determinadas concepções da professora entraram em conflito com os estudantes anunciados como baixos desempenhos, afinal ela mencionou que tais alunos não tinham interesse e não se esforçavam para aprender, mas em algumas ocasiões e frente aos casos concretos, ela se contradiz, ao concluir que eles tinham interesse e vontade de aprender, mas traziam dificuldades. Isso se relaciona as colocações de Lahire (1997) e Gimeno Sacristán (2001), ao afirmarem que as ideias gerais não conseguem sinalizar a diversidade de contextos encontrados quando se pensa em sujeitos específicos.

Dessa forma, é possível perceber que as concepções docentes sobre os alunos com baixo desempenho se ligavam, em geral, às imagens dos estudantes que tinham dificuldades em aprender os conteúdos, não sabiam fazer as atividades, não se esforçavam e os familiares não auxiliavam. Porém, a cada pequena modificação, numa atitude anteriormente constante do aluno, confundia a concepção inicial sobre o desempenho daquele estudante, que passava a ser visto considerando os progressos obtidos e reconhecidos e, assim, possíveis expectativas futuras poderiam por se formar. O que seguiu uma vertente probabilística e não determinante, predominando as percepções sobre as dificuldades vivenciadas por eles para dominar a leitura e escrita.

Entre os familiares e alunos acompanhados, houve o reconhecimento de dificuldades para aprender, porém também se fez presente o emprego de outros critérios para ponderar o posicionamento dos alunos na escola, como a questão do comportamento/disciplina.

Resumindo, entre os casos de alto desempenho escolar houve concordâncias entre os três grupos de sujeitos, embora os familiares elencassem elementos negativos do comportamento dos filhos, que até aquele momento ainda não haviam sido referenciados pela escola, a qual, nesse caso, esteve mais atenta aos resultados da alfabetização.

Os casos acompanhados por Lahire (1997), com experiências de sucesso escolar, foram questionáveis, diferente do que ocorreu com os casos de

fracasso escolar, compreendidos, naquele contexto, como irreparáveis.

Os dados obtidos por meio do presente estudo não trouxeram os alunos indicados como baixo desempenhos escolares como sedimentados. A professora notou aspectos positivos nos desempenhos escolares de tais alunos e entrou em “conflito”, às vezes, por perceber que eles queriam realizar atividades, mas vivenciam dificuldades para isso.

Além disso, familiares e um aluno não corroborou a indicação docente sobre o desempenho escolar apresentado por este, entendendo de forma distinta. O que também ocorreu com os casos de desempenhos medianos, corroborando as considerações de Streib (2011) e Calarco (2011), os alunos apresentaram as suas próprias opiniões.

Vale a pena destacar que, mesmo diante de tentativas de classificações dos desempenhos escolares dos alunos, para compreensão deles – Gimeno Sacristán (2001) –, ou retomando práticas autoritárias de avaliação – Hoffmann (2011) e Luckesi (2011) –, os casos concretos acompanhados sinalizaram à noção de processo, já que os alunos com baixo desempenho nem sempre se “enquadraram” nas categorias ampliadas de compreensão – Lahire (1997) –, utilizadas pela professora, a qual passou a entender que uma aluna, antes posta como um caso de desempenho mediano seria abrangida como um alto desempenho escolar. Além disso, as notas atribuídas aos alunos anunciados como desempenho mediano eram as máximas, o que representaria estudantes com alto desempenho.

Ressalta-se que, entre os casos de baixo desempenho, fez-se presente referências as práticas docentes empregadas, atribuindo às aulas de reforço escolar uma saída para superação de dificuldades vivenciadas. Além disso, entre os alunos com desempenho mediano existiu recorrências aos contextos extraescolares para tentar decifrar os motivos pelos quais se fariam presentes certas dificuldades para aprender.

Considerações finais

O presente artigo pretendeu identificar se haveria aproximações entre os discursos de uma professora, seis alunos e seus respectivos familiares sobre os desempenhos escolares destes, questionando se as percepções da

professora prevaleceriam sobre as concepções de familiares e discentes.

Foi possível concluir que existiram concordâncias entre os sujeitos frente os casos de alto desempenho escolar; no que se refere aos alunos indicados como desempenhos mediano e baixo, fizeram-se presentes variações entre as concepções da professora e familiares/alunos. Logo, os grupos de estudantes indicados como desempenhos médio e baixo não se colocaram necessariamente na posição indicada pela escola, não prevalecendo a concepção docente.

A apreciação da trajetória dos alunos durante o ano letivo e as condições familiares, sociais, culturais para cada um reiteraram uma visão de que várias condições reordenadas de determinada forma estão presentes em diferentes realidades de alunos com desempenhos diferenciados e que não se configuraram como características específicas de cada grupo.

Notou-se ainda que alunos de desempenhos anunciados como alto ou médio ou baixo, não revelaram homogeneidade em suas características, por isso a importância do delineamento de pesquisa qualitativa e a análise individual.

Distingue-se que os dados obtidos neste trabalho não devem ser generalizados, por envolverem apenas uma escola, um ano escolar, além de serem concepções pessoais, sendo necessário haver outros estudos que incluam mais sujeitos em diferentes contextos para ter os dados confrontados e, a partir de então, serem mais representativos.

Referências

CALARCO, J. McC. "I need Help!" Social class and children's help seeking in elementary school. *American Sociological Review*, n. 18, p. 31-47, 2011.

CHARLOT, B. *Relação com o saber, formação dos professores e globalização: questões para a educação hoje*. Artmed: Porto Alegre, 2005.

COLL, C.; MIRAS, M. A representação mútua professor/aluno e suas repercussões sobre o ensino e a aprendizagem. In: COLL, C.; PALACIOS, J.; MARCHESI, Á. *Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia da educação*. v. 2. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p. 265-280.

DUBET, F. *O que é uma escola justa?: a escola das oportunidades*. São Paulo: Cortez, 2008.

GIMENO SACRISTÁN, J. *A educação obrigatória: seu sentido educativo e social*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

HOFFMANN, J. *Avaliação: mito e desafio: uma perspectiva construtivista*. Porto Alegre: Mediação, 2011.

LAHIRE, B. *Sucesso escolar nos meio populares: as razões do improvável*. São Paulo: Ática, 1997.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LUCKESI, C. C. *Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições*. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ROSENTHAL, R.; JACOBSON, L. *Pygmalion in the classroom*. New

York: Holt, Rinehart & Winston, 1968.

SENOS, J. Identidade social, autoestima e resultados escolares. *Análise Psicológica 1* (XV): Portugal, p. 123-137, 1997.

STREIB, J. Class reproduction by four year olds. *Qual. Sociol.*, n. 34, p. 337-352, 2011.

Recebido em 16/07/2013
Aprovado em 17/11/2015